

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



1290005020



FE

TCC/UNICAMP C223m

**RENATA RAGAZZO CARPANETTI**

**A Moradia... vive!**

**História da Moradia Estudantil da Unicamp (1985 – 2001)**

**CAMPINAS**

**2010**

**UNICAMP FE - BIBLIOTECA**

2010.01.10

**Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação**

**Renata Ragazzo Carpanetti**

**A Moradia... vive!  
História da Moradia Estudantil da Unicamp (1985 – 2001)**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr. José Luiz Sanfelice.

**Campinas  
2010**



© by Renata Ragazzo Carpanetti, 2010.

UNIDADE:	FE
CHAMADA:	ICC/Unicamp C223m
V:	EX:
Tombo:	5020
PROC.:	334/10
C:	5
PREÇO:	11,00
DATA:	05/10/10
CÓD TÍTULO:	771738

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**  
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

C223m Carpanetti, Renata Ragazzo  
A moradia vive! História da Moradia Estudantil da Unicamp (1985-2001) /  
Renata Ragazzo Carpanetti. – Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador: José Luís Sanfelice.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Estudantes – Moradia. 3. Educação – História. I. Sanfelice, José Luís.  
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-192-BFE

“Quantos de vocês conhecem a Moradia e seu cotidiano? Por que não vêm pessoalmente conhecê-la, já que ela está lá, e sempre esteve aberta? A Moradia Estudantil, ao contrário de representar um problema, é um lugar de experimentação e de engrandecimento de todos os que passam por lá. Como nossas pesquisas, ela muitas vezes bate cabeça, anda, corre a 200km/h por pistas tortuosas sem derrapar, depara-se com um novo obstáculo, bate cabeça novamente e, como num ciclo, da mesma forma que nossas pesquisas, volta a andar. Nesse sentido, “medidas rápidas, eficazes e inadiáveis” podem incorrer em erros irreparáveis para este espaço, rico pela sua natureza”

(Carta dos Moradores aos representantes docentes do CONSU diante da extinção da CGPM)

*o moinho  
ainda  
move  
apesar do rio  
ser apenas a  
lembrança de um  
córrego  
que teima com a  
terra, e persiste e  
segue*

(Amir Brito, casa J14a)



## **Dedicatória**

Este trabalho é dedicado a todos os moradores, ex-moradores e agregados que estiveram na Moradia, construindo a sua história ou lutando para que ela assumisse novos rumos.

## **Agradecimentos**

À minha mãe, Gilmara Ragazzo, que tanto se esforçou para que um sonho se tornasse realidade, e pela confiança que depositou em mim. Ao meu pai, José Ap. Carpanetti, que, apesar não estar mais entre nós, me instigou a ser o que sou hoje e sempre me apoiou.

Ao Fabiano, que me recebeu nos meus primeiros dias de moradia, me proporcionando um lar, uma história e me apresentou os ingredientes que compõe este lugar. À Sarah e Vlad, que estiveram sempre a frente na luta por uma moradia digna e questionaram sobre a “normalidade das coisas”.

Ao Rafão, por dividir as poesias na F-9 e por ser amigo e companheiro, deixando as coisas parecerem ser mais fáceis.

Ao Werner por saber da importância histórica de cada zine, bilhete, cartaz, jornal e documento que carregava o nome “Moras”. Por me ajudar na busca por informações, por ceder seus arquivos pessoais e por sempre me colocar em seus planos e projetos futuros.

A todos os que participaram da organização do Festival Artístico Cultural Virada da Lua, na tentativa bem sucedida de integrar os moradores através do choque cultural.

Aos companheiros da AJR (Aliança da Juventude Revolucionária), que souberam esclarecer tão bem os problemas políticos que enfrentávamos e por oferecer assistências nos momentos mais críticos da Moradia.

Ao Joan Villà, Tadeu Gushiken, Willian Higa que gentilmente cederam entrevistas sobre a memória da moradia.

Ao Sanfelice, orientador, por permitir que pudesse ter pensamentos livres, por me incentivar a escrever e a produzir este trabalho, que foi tão importante para meu desenvolvimento

acadêmico e militante.

Ao Carlos Miranda, segundo leitor deste trabalho, por todas as conversas e discussões dos mais variados assuntos. Por me atentar ao que há de novo e ao antigo desconhecido.

À Christiane, Katharine e Poliana, companheiras de casa, irmãs de alma.



## Resumo

O objeto de estudo desta monografia é a moradia e suas trilhas. Como seus diferentes momentos históricos permitiram uma singularidade na formação dos estudantes que moram na Moradia Estudantil da UNICAMP.

O objetivo principal foi o de construir uma narrativa histórica sobre os primeiros anos do Programa de Moradia Estudantil, dando voz àqueles que de fato fizeram a história deste espaço: os moradores.

Para isso, fiz um levantamento dos arquivos, documentos oficiais e produzidos pelos estudantes envolvidos na luta pela assistência estudantil, para então traçar um primeiro passo para a narração de uma história que persiste em incomodar diferentes instâncias da Universidade e atravessar os passos de quem estuda e mora no campus.

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1: Metodologia .....</b>	<b>4</b>
<b>Capítulo 2: A TABA é Nossa! .....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 3: Um artista militante e residente .....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 4: TABA: espaço legítimo, habitável e surrealista .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 5: A negociação pela construção da moradia .....</b>	<b>15</b>
<b>5.1: As quebras de contrato .....</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 6: O equívoco político .....</b>	<b>23</b>
<b>Capítulo 7: A moradia vive... o improviso! .....</b>	<b>27</b>
<b>7.1: A moradia vive... o manifesto! .....</b>	<b>29</b>
<b>7.2: A moradia vive... o autoritarismo e o protesto! .....</b>	<b>31</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>38</b>
<b>Referências bibliográficas e fontes .....</b>	<b>42</b>

### Anexos

Foto: Moradores apresentando uma peça infantil no corredor principal da moradia

Boletim Informativo da Comissão Pró-Moradia

Boletim da chapa Mate ao Rei (DCE)

Correio Popular: Aluno de moradia gratuita da Unicamp vive o improviso

Carta dos moradores da moradia estudantil aos representantes docentes do CONSU em 2000

## **Lista de Siglas e Abreviaturas**

Amoramoras: Associação de Moradores da Moras

CB: Ciclo Básico

CCG: Comissão Central de Graduação

CCPG: Comissão Central de Pós Graduação

CEB: Conselho de Entidades de Base

CGPM: Coordenação Geral do Programa de Moradia

CONSU: Conselho Universitário

CRB: Conselho de Representantes de Blocos

CRU: Conjunto Residencial Universitário

DCE: Diretório Central dos Estudantes

ME: Movimento Estudantil

NUDECRI: Núcleo de Criatividade da Unicamp

PME: Programa de Moradia Estudantil da Unicamp

SAE: Serviço de Apoio ao Estudante

STU: Sindicato dos Trabalhadores da Unicamp

UNE: União Nacional dos Estudantes

## Introdução

Segundo a Constituição Federal, a educação é dever do Estado e da família e tem como princípio a igualdade de condições de acesso e permanência na escola (art. 206 da Lei 4.02/61). Assim como tantos outros artigos, há uma contradição entre a teoria e a prática. É justamente baseando-se nos mesmos argumentos daquilo que já é previsto por lei, que estudantes de todo o País lutam em defesa da assistência estudantil.

As moradias fazem parte, dentro do estatuto das instituições públicas de ensino, das políticas de assistência estudantil, sendo um dos principais pontos na garantia de permanência dos estudantes nos estudos.

Uma grande parcela dos estudantes da Universidade Pública migram de outras cidades, e, aqueles que conseguem passar pelo vestibular se deparam, todo início de curso, com o completo abandono da própria instituição. Alguns chegam a desistir do curso antes mesmo das aulas começarem justamente por não possuir condições financeiras de morar longe e de forma independente da família, por esses e por outros motivos, estudantes de universidades federais e estaduais tocam uma luta árdua em defesa das moradias.

Reduto de estudantes de diferentes lugares, culturas e representantes de todos os cursos da Universidade, as moradias estudantis sempre foram um problema para as reitorias. Por se tratar de um setor dos estudantes que é mais isolado pela burocracia universitária e pela facilidade de comunicação entre a categoria, os moradores das diversas Casas Estudantis sempre tiveram relações profundas com a organização do movimento estudantil.

Atualmente, 55 universidades federais dispõem de residências estudantis, somente algumas estaduais, como as de São Paulo e algumas particulares que ainda mantêm as casas estudantis católicas. Algumas moradias federais cobram taxas mensais, como é o caso

da UnB (Universidade de Brasília). Já nas estaduais, o aluno que consegue superar o disputado sistema de bolsas, não paga taxa, mas é obrigado a lidar com a superlotação das moradias.

Entre as histórias de ocupação e greves para a conquista da assistência, as moradias da USP e da Unicamp são as que mais se destacam, e as que mais abrigam estudantes entre todas as universidades públicas.

A história da Moradia Estudantil da Unicamp se inicia como tantas outras conquistas do movimento estudantil: com muita mobilização e livre organização dos estudantes.

No dia 05 de março de 1986, dezena de estudantes carregando seus colchões, travesseiros, vasos, livros e canetas ocuparam o terceiro andar do Ciclo Básico da Unicamp, que funcionava, anteriormente como departamento provisório dos professores da Faculdade de Educação. Esta ocupação serviu como semente da Moradia Estudantil, o movimento ali criado foi denominado pelos manifestantes como TABA, movimento pró-moradia.

O TABA foi uma das maiores e mais organizadas mobilizações dos estudantes da Unicamp, e teve como objetivo material principal a reivindicação por moradia gratuita aos estudantes menos favorecidos economicamente.

Em 2001, esta auto-gestão foi retirada de maneira arbitrária e foi instalada a ditadura da burocracia universitária, que passaria a indicar, sem a participação dos moradores, o administrador do local, como consta no artigo 7º da DELIBERAÇÃO CONSU-A-24, DE 04/01. Desde então, moradores e administração se enfrentam sistematicamente numa luta de defesa de interesses. De um lado, representantes da instituição recebendo ordens para que controlem o espaço como parte do campus, e de outro, moradores que lutam para fazer com que a moradia seja uma extensão da comunidade e que garanta a plena liberdade dos

estudantes em suas casas.

As casas estudantis, moradias e residências universitárias devem ser encaradas, antes de mais nada, como um importante espaço de formação do estudante de ensino superior. São espaços onde a aprendizagem do coletivo, a formação política são necessidades fundamentais, daí a necessidade de olhar mais de perto para estas histórias.

## 1.1 Metodologia

Escolhi tratar da história da Moradia Estudantil da Unicamp, não só por fazer parte de minha história, como por ter se transformado numa das maiores e mais importantes moradias do País.

Todo o período de seus vinte anos de existência, de construção dos processos de coletividade e os programas educacionais desenvolvidos pelos moradores, assim como as lutas políticas travadas com a instituição e governo estadual foram documentadas pelos moradores. Panfletos, vídeos, entrevistas, jornais, “zines”, cartazes e fotos estão hoje guardados em um arquivo de memórias, sob os cuidados do projeto de “Biblioteca da ‘Moras’”, outros tantos outros em arquivos pessoais e no SIARQ. Estes materiais guardam a história oficial da Moradia, aquela contada e documentada pelos próprios moradores em todos os seus momentos mais importantes, desde a realização de eventos culturais, da auto-organização do espaço até os enfrentamentos com a instituição para garantir o direito pleno a permanência estudantil e manutenção das casas.

Para relatar a história da Moradia foi necessário, antes de mais nada, reunir seus documentos. Na Moradia há hoje um centro de memórias, aos cuidados dos moradores. Nele pode-se encontrar revistas, notícias, panfletos, boletins, propagandas, fotos, entrevistas, imagens e atas de reuniões que foram recolhidos ao longo dos seus vinte anos de existência.

Comecei minha pesquisa com base na leitura destes arquivos, filtrando sempre as informações. Os temas foram divididos em: TABA, Construção da moradia e entrega das casas, organização dos moradores e CGPM.

A tabela a seguir mostra a quantidade de materiais encontrados por tema:

Tema	Materiais produzidos por estudantes	Materiais produzidos pela imprensa	Documentos Oficiais da Universidade
TABA	12	1	1
Construção da Moradia	5	7	5
Entrega das casas	2	10	1
Organização dos moradores	46	13	12
Representação Discente/ CGPM	29	3	12

Em TABA delimito os arquivos e documentos que se referissem ao movimento e a vivência estudantil na ocupação do Ciclo Básico I, que deu origem ao movimento pró-moradia. Me atentei as reivindicações principais da época, comparando com as reivindicações dos anos posteriores e suas conquistas, ou não. Em Construção da moradia, busquei por documentos que tratassem das negociações entre estudantes e reitoria pela construção das casas, assim como materiais que dissessem sobre o projeto arquitetônico da Moradia. Em Organização dos moradores, agreguei no mesmo item assuntos que diziam respeito as reivindicações dos moradores do PME, mas a situações cotidianas e como se organizavam para resolvê-las. Em Representação Discente o foco foi para a organização do movimento estudantil em torno de órgãos representativos, como a administração da moradia, a Coordenação Geral do Programa de Moradia, o Conselho de Representantes de Blocos e o Amoramoras.



De todos os documentos produzidos pelos estudantes, grande parte era assinado por “Moradores do PME”, “Moradores” ou “DCE”. Os documentos oficiais da Universidade tratam das Deliberações do Conselho Universitário em diferentes reuniões e comunicados oficiais da administração executiva do PME.

A respeito da organização da TABA e sentindo a necessidade de mais informações, realizei uma entrevista com um estudante da época, cujo nome aparece em quase todos os documentos oficiais a respeito das negociações pela construção da moradia: Takeo Gushiken. Outra entrevista também foram realizadas, a primeira com Willian Higa, que fez parte dos primeiros grupos de moradores da Moradia Estudantil, foi representante de bloco e militante do ME.

Utilizei ainda como fonte uma entrevista que realizei em 2008 com o conjunto de colaboradores do jornal “Âmoras” com o arquiteto Joan Villà, responsável pelo projeto de construção da moradia estudantil.

A partir da classificação dos temas e das entrevistas, tracei uma linha cronológica sobre os principais acontecimentos da moradia estudantil:

Ano	Acontecimento
1985	Ocupação do CB
1988	Negociação pela construção da moradia
1989	Desocupação da TABA e moradia provisória nas sete casas irmãs
1990	Entrega das primeiras casas
2000	Início das ameaças à auto-gestão da moradia
2001	Extinção da CGPM
2001/2002	Negociação pela paridade na administração da moradia

Este direcionamento dos temas permitiu uma redução do número de documentos fonte e estabeleceu a ordem dos assuntos a serem tratados na narrativa.

## 2. A TABA é nossa!

*“Nós, alunos de vários institutos da Unicamp, nos reunimos no início deste ano com o intuito de discutirmos o problema de moradia e já realizamos alguns trabalhos práticos.” (Informativo TABA, março 1986<sup>1</sup>)*

Durante todo o ano de 1985, estudantes de diferentes cursos se reuniram na sala CB 15, localizada no Ciclo Básico da Unicamp, para discutir intensamente, complexa e profundamente as relações intra e extra-universidade. A crise econômica, somada à alta especulação imobiliária ao redor do campus, gerava pouco a pouco a insatisfação de estudantes da PUCC e Unicamp, principalmente os desta, já que, mesmo estudando numa universidade pública, as oportunidades de acesso e permanência não eram garantidas. A insatisfação dos estudantes que se desenvolvia a partir do problema de moradia ampliava-se na reflexão que os moradores desenvolviam a respeito de suas atividades na Unicamp, elaborando-se e formando uma consciência política sobre tal questão.

Acompanhando o debate pró-moradia, um DCE cuja gestão tinha como nome “Mate ao Rei”, formada por “meninos e meninas” de terno, batom, cabelos arrumadinhos e, incontestavelmente, provocadores. Os boletins que circulavam traziam a discussão levantada no primeiro encontro de Moradias do Estado, sediada em Piracicaba e que dava início à longa jornada do que hoje constitui a SENCE (Secretaria Nacional de Casas Estudantis).

Ainda neste contexto, é importante ressaltar que as negociações entre estudantes do movimento pró-moradia (pró-TABA) e a reitoria eram envoltas a ameaças da burocracia, se,

---

<sup>1</sup> Informativo TABA, março de 1986 in UNICAMP. Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Fundo Diretório Central dos Estudantes.

de um lado o recém reitor indicado, Prof. Paulo Renato anunciava a fala positiva de que a moradia estava nos planos do novo projeto de universidade, por outro, o grande responsável pelo projeto, o pró-reitor de extensão Prof. Valadão, ameaçava os estudantes caso houvesse qualquer ação mais “radical” destes, chegando a declarar que “os militares estão por aí” (Taba: quem pelegou?, 1986<sup>2</sup>).

A visita de Sarney à Unicamp pela inauguração do Instituto de Economia e para prestigiar a posse do Prof. Paulo Renato à reitoria da universidade teve em sua sessão solene a participação dos tabanos:

*Com um discurso impecável, postaram-se de acordo com as etiquetas que a cerimônia exigia. Foram fantasiados de palhaços e viram nos rostos distorcidos pela raiva e medo, o quanto de eficaz poderia ser aquela forma de ação. De um lado, uma reitoria que se deparava com bárbaros inseqüentes e de outro a simpatia de estudantes, que mesmo sendo sua grande maioria conservadores, nutriam uma boa impressão àqueles 'índios' que no mínimo, demonstravam coragem.*

E foi inovando, colocando para fora idéias, desejos e vontades de um movimento que partia de uma mesma reivindicação que as insatisfações foram articuladas. Cansados por procurar fiadores e denunciar a ineficiência do Serviço de Apoio aos Estudantes (SAE) para o alojamento em Campinas, estudantes decidiram por ocupar o prédio do Ciclo Básico por volta do meio dia em cinco de março de 1986. Houve um grande estranhamento com o desfile de colchões, pertences e a instalação de varais pelo pátio do prédio.

Logo depois da ocupação, um manifesto rodou nas mãos dos estudantes que teriam aulas no mesmo espaço, agora denominado TABA pelos “novos” moradores do campus:

---

<sup>2</sup> TABA: quem pelegou? In UNICAMP. Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Fundo Diretório Central dos Estudantes.

*A ocupação se dá ao acaso. Quem não tem onde morar traz seu colchão e suas diferenças. Para somar existe a Assembléia, que delibera sobre tudo e onde todos têm voz, onde a voz é a arma política mais perigosa: capaz de manter o movimento, capaz de promover a desocupação. São sessenta diferenças morando juntas: uns gostam de Beethoven, outros de Sex Pistols, uns gostam de Marx, outros de Cristo. (Manifesto TABA: Um espaço da diferença, 1986<sup>3</sup>)*

As condições estavam dadas para a ocupação, foi preciso apenas um debate na cantina do instituto de Física mais acalorado, seguido de uma assembléia no Ciclo Básico para que os estudantes tomassem a decisão de transformar o campus em casa. Além dos espaços das assembléias, a cozinha virou o grande centro dos debates dos manifestantes: *“Era possível se pegar numa discussão sobre estruturalismo ou epistemologia em meio a uma macarronada...”* (TABA: quem pelegou?). É proibido ou não fumar maconha na TABA? Como fazer todos participarem da limpeza? Voluntarismo ou comissões? Qual o destino do movimento? Questões como essas e demais que influenciariam no cotidiano dos manifestantes eram decididas de maneira coletiva, garantindo a autogestão, característica da TABA e forma de organização que os estudantes planejavam para a futura moradia.

---

<sup>3</sup> Manifesto TABA: um espaço da diferença in UNICAMP. Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Fundo Diretório Central dos Estudantes.

### 3. Um artista militante e residente

Enquanto estudantes do movimento pró-moradia discutiam a melhor forma de negociação com a reitoria, Prof. José Aristodemo Pinotti, então reitor da Universidade Estadual de Campinas, dava às boas vindas ao artista residente de 1986: o arquiteto Joan Villà.

Nascido em Barcelona (Espanha) em 1940, Joan Villà está no Brasil há mais de 50 anos. Formou-se pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, onde leciona desde 1975.

A partir de 1982, Joan Villà viveu um processo de militância político intenso enquanto arquiteto. Nos quatro anos que se seguiram trabalhou quase que exclusivamente como técnico a serviço de movimentos sociais, do movimento sem teto e sindicatos. Chegou a participar de ocupações de terrenos e movimentos de luta por moradia.

Defendendo a arquitetura como arte eminentemente social, foi o responsável pela criação do Laboratório de Habitação da Faculdade de Belas Artes, em São Paulo. Em 1984, começou a desenvolver um sistema construtivo simples e barato, ideal para mutirões, neste mesmo laboratório. Foi por esse projeto que Joan Villà foi convidado a trabalhar na Universidade Estadual de Campinas.

Joan Villà trabalhava com a idéia de painéis de cerâmica. Em cada um deveria ir uma quantidade pré-determinada de tijolos ou lajotas e concreto. Assim, as construções seguiram um padrão pré-moldado. Mas, era necessário experimentar, testar, enfim, colocar em prática sua pesquisa.

Nesta época a Universidade ainda não possuía um instituto ou um órgão a que os artistas residentes estariam ligados. Joan Villà deveria encaminhar seus relatórios diretamente à reitoria. O Núcleo de Criatividade da Unicamp tinha sido recém inaugurado por Carlos Vogt. Sem grandes respaldos, Joan Villà se viu paralisado diante de suas próprias idéias. Joan Villà

alegou em sua entrevista ao jornal “Vamos Àmoras”, da Moradia Estudantil da Unicamp, em 2008 que “(...) a Unicamp dá o leite e o pão, mas se você quiser manteiga, geléia, etc., você se vira, tá?” (Vamos Àmoras, 2008<sup>4</sup>).

Para conseguir a “manteiga e a geléia” para desenvolver e testar os painéis de cerâmica, Joan Villà recorreu a Sociedade de Bem Estar Social, à Secretaria de Ciência e Tecnologia, que, rapidamente, o colocou em contato com profissionais da área de habitação em São Paulo. Em uma reunião com representantes do governo do Estado Municipal e de construtoras, o arquiteto expôs sua idéia e solicitou ajuda para o financiamento dos materiais. Sem conseguir nada, Joan insistiu com os construtores, desta vez, pedindo diretamente o material. A resposta veio alguns dias depois:

*“Ele (representante da construtora) falou, não, eu to te mandando um caminhão de tijolo e um caminhão de telha, eu tenho um amigo que também tem uma indústria, e resolveu aderir, tal, etc. Onde a gente descarrega isso? Eu falei olha, tem uma praça, pergunta onde é a Reitoria, tem uma pracinha, tem o Banespa, falei descarrega na calçada da Reitoria... (Joan Villà, 2008)*

Com um escândalo político iminente e pretendo ocupar o cargo de Secretário da Educação do Estado, o reitor Prof. Pinotti autorizou a construção de uma casa protótipo. Ao mesmo tempo e buscando reforços políticos, Joan Villà comunicou a todos os movimentos sociais de habitação o modelo de casa popular que nascia na Unicamp. Oito meses depois, Joan Villà era chamado pelo Prof. Paulo Renato, novo reitor da Universidade, para discutir a respeito dos estudantes que ocupavam o Ciclo Básico.

---

<sup>4</sup> Retirado da entrevista realizada com o Arquiteto Joan Villà para o jornal Vamos Àmoras, in Moradia Estudantil Unicamp. Centro de Memórias da Moradia. Fundo MEMORAS.

#### 4. TABA: espaço legítimo, habitável e surrealista

A ocupação se mantinha forte no Ciclo Básico. Mas, uma questão estava prestes a colocar tudo a perder. Como contrapor-se a uma reitoria que diz estar de posse daquilo que se reivindica e que está disposta a oferecer?

O programa de posse do Prof. Paulo Renato incluía uma moradia, em teoria estava, então, atendendo às reivindicações dos estudantes. Mas, porque não era posto efetivamente em prática?

Esta posição estratégica da oposição do movimento TABA fez com que o rótulo de “porra louca” se espalhasse para o campus rapidamente. No entanto, somente um movimento muito bem organizado e numa posição inteligente consegue se sustentar por dois anos consegue convencer estudantes a tomar banho em ducha gelada, dormir ao relento e sofrendo todos os tipos de ameaça. Foi necessário organizar diferentes comissões: limpeza, alimentação, imprensa, comunicação e etc.

*[...] como tornar aquele espaço habitável: Fazíamos compras e comidas comunitárias, os corredores do Ciclo Básico com mesas dominicais postas faziam daquele cenário algo surrealista. Ao chegar à noite, não raro era ver tabanos numa cartase coletiva, seguindo em procissão (literalmente numa procissão católica apostólica romana), cantando hinos e cantos evangélicos, exorcizando o diabo que era viver naquelas salas do Ciclo Básico, arranjavam-se videos para exibir no salão nobre da TABA: a Tabelaria de Arte. (TABA: quem pelegou?)*

A TABA já não era a tribo de sessenta manifestantes pró-moradia, tornava-se pouco a pouco, um espaço legítimo do movimento estudantil, um instrumento de intervenção no quadro político na comunidade universitária. Não só os estudantes que procuravam a



conquista de um teto, mas estudantes que, barrados pelo academicismo elitista, buscavam um novo espaço de discussão, dos artistas do Instituto de Artes e tantos outros institutos, sem lugar ao sol para expor suas obras, peças e músicas.

*“Era claro que era preciso levar ao extremo o desconforto da reitoria. A TABA não foi um movimento político, havia espaço para a política, claro – mas a TABA era sim um movimento cultural. Nós queríamos criar uma cultura” (Takeo Gushiken,, 2006<sup>5</sup>)*

A moradia que abrigaria os ex-tabanos não deveria ser apenas um espaço de “guardar as coisas”, uma “pensão de estudantes”. Era necessário a construção de um espaço de vivências coletivas, que desse continuidade aos novos estudantes, já muito mais amadurecidos, de experiências singulares e, sobretudo, de paixão convicta pelo coletivo.

Diante de um movimento estudantil que se consolidava cada vez mais, sofrendo a pressão de movimentos sociais pró-habitação e com um projeto para habitação popular em andamento, a Reitoria não teve escolha, foi obrigada a ceder as reivindicações e fechar acordo com os tabanos, DCE, Centros Acadêmicos e a Associação de Pós-Graduandos em dezembro de 1987, comprometendo-se pela construção da Moradia Estudantil da Unicamp.

---

<sup>5</sup> Entrevista publicada em “Isso não é o Jornal da Moras”, in Moradia Estudantil Unicamp. Centro de Memórias da Moradia. Fundo MEMORAS.

## 5. A negociação pela construção da moradia

*“Campinas é uma cidade carente de moradias. Agora os estudantes serão beneficiados com esse projeto. A própria UNICAMP também ganhará mais vida” (prof. Dr. Paulo Renato, na entrega da moradia em 1989)*

A estrutura estabelecida pelos tabanos ao longo da ocupação permitia, caso fosse necessário, manter a manifestação por mais meses. O crescente apoio do corpo discente da Universidade e de outras instituições, somado as grandes passeatas organizadas pela UNE em outros estados, davam a força ao movimento TABA, pressionando ainda mais os órgãos burocráticos a ceder.

Em dezembro de 1987, em ato público, foi assinado o documento que celebra o acordo entre estudantes e reitoria. Assinaram o acordo o Professor Doutor Paulo Renato Costa Souza, em nome da Universidade Estadual de Campinas; Takeo Gushiken, representando o Diretório Central dos Estudantes da Unicamp; Paulo César Manduca, representante do Conselho de Entidades de Base e Yeda Bocaletto, representante da Associação de Pós-Graduandos da Unicamp.

Segundo as cláusulas do Termo de Acordo de 1987, a Universidade deveria se comprometer em construir 1500 vagas para a moradia estudantil, entregues em duas fases:

*Cláusula Primeira:*

*a-) 1ª fase: 1.000 (uma mil) vagas até o final de dezembro de 1988;*

*b-) 2ª fase: 500 (quinhentas) vagas até o final de dezembro de 1989.*

*(Termo de Acordo, que entre si celebram a Universidade Estadual de Campinas e o*

*Corpo Discente da mesma universidade, 1987<sup>6</sup>)*

Para que o acordo fosse cumprido, a UNICAMP deveria dar início às obras e garantir a locação de 62 vagas em imóveis fora do campus aos estudantes sem renda que “moravam” no Ciclo Básico. Em contrapartida, os estudantes desocupariam o prédio.

*Cláusula Segunda: A UNICAMP, manterá a locação dos imóveis necessários à garantia de 62 (sessenta e duas) vagas, destinadas a abrigar provisoriamente os alunos participantes do Movimento Pró-Moradia, alojados, atualmente no Prédio do Ciclo Básico, nesta data, entregando ao DCE/UNICAMP, ou ditos móveis, que constituirão assim a Moradia Estudantil da Unicamp, em locais provisórios, enquanto não for concretizada a instalação de que trata da letra a do § 1º, da Cláusula Primeira deste Termo de Acordo [sobre a construção das 1.500 vagas].*

*Cláusula Terceira: De sua parte, o DCE/UNICAMP declara este desocupado, a partir desta data, o Prédio do Ciclo Básico, ficando o seu uso liberado de imediato, para, no interesse da UNICAMP, lá instalar-se outras atividades.*

*Cláusula Quarta: O não cumprimento dos estipulados nas Cláusulas Primeira e Segunda, resultará na imediata autorização ao DCE/UNICAMP, para ocupar uma área do Campus desta Universidade, equivalente ao espaço anteriormente ocupado pelos alunos no Prédio do Ciclo Básico; já o não cumprimento do estipulado na Cláusula Terceira, resultará na não participação do DCE/UNICAMP no Programa de Moradia Estudantil da UNICAMP.*

O acordo foi cumprido somente em partes. A UNICAMP chegou a locar sete casas, chamada pelos tabanos de “casas irmãs”. As casas se localizavam próximas ao campus. Era mantido o clima de discussões constantes e decisões tomadas pelo coletivo, construído pelos anos de ocupação, mas, não construiu a moradia dentro do prazo.

---

<sup>6</sup> Termo de Acordo, que entre si celebram a Universidade Estadual de Campinas e o Corpo Discente da mesma universidade, 1987, in UNICAMP. Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Fundo Programa de Moradia Estudantil.

## 5.1 As quebras de contrato

No dia 1º de março de 1988 foi assinado oficialmente a criação do PME, através da Portaria GR – 55/88:

*Dispõe sobre a criação do Programa de Moradia Estudantil da Unicamp*

*O Reitor da Universidade Estadual de Campinas resolve:*

*Artigo 1º - Fica criado o Programa de Moradia Estudantil da Unicamp, destinado ao atendimento das necessidades de residência dos estudantes de graduação e pós-graduação regularmente matriculados nesta universidade<sup>7</sup>*

No mesmo dia, a Portaria 56/88 instituiu uma Comissão de Direção Geral do Programa de Moradia Estudantil da Unicamp, que era composta por 11 membros, sendo apenas quatro representantes dos discentes. Esta comissão seria responsável pela supervisão e exercício do controle geral das duas fases do PME, ou seja, estabelecer critérios para a ocupação das casas e fornecer subsídios para a elaboração dos futuros Regimentos Internos. Diante da ameaça a autonomia de uma moradia que mal acabara de se erguer, os estudantes, representados pela gestão do DCE Heresia, se reuniram em reuniões do Conselho de Estudantes de Base – CEB – para a discussão do regimento da moradia a partir dos seguintes pontos de pauta: portarias propostas de regimento pela reitoria; regimento elaborado pelo TABA e regimentos e inscrições propostas pelo DCE.

Um mês depois, era assinada, na reunião do Conselho Universitário, uma minuta de regulamento da moradia. Segundo a Deliberação CONSU-Nº 114/88, seria criada uma comissão “constituída pelos Professores Carlos Alberto Vogt (Presidente), José Carlos Valladão de Mattos, Paulo Sollero, José Luíz Boldrini, Eduardo Roberto Junqueira Guimarães e quatro representantes discentes” para formular uma Minuta de Regulamento das sete casas

---

<sup>7</sup> Portaria GR – 55/88 do CONSU, in UNICAMP. Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Fundo Programa de Moradia Estudantil.

irmãs e propor, quando fossem construídas as 1.500 vagas totais, um regimento interno para o Programa de Moradia Estudantil da UNICAMP.

A criação deste Conselho representou a primeira quebra do Termo de Acordo assinado em 1987, uma vez que, estabelecia a responsabilidade das casas irmãs ao DCE, a reitoria não teria autoridade para criar um conselho que definisse sobre regras de vivências das casas. Em resposta a quebra do Termo, cerca de cem estudantes ocuparam a Reitoria, como previa a cláusula quarta.

*Estudantes invadem Reitoria da Unicamp contra autoritarismo*

*Mais de 100 alunos tentaram ontem, às 13h30, invadir a reitoria da Unicamp em protesto contra a sugestão do Reitor Paulo Renato Costa Souza, apresentada na última reunião do Conselho Universitário, de criar uma comissão que regulamente o financiamento das sete casas de estudantes existentes na cidade (...)*

*Segundo representantes do DCE (Diretório Central dos Estudantes), esta decisão "dá poder total para a Reitoria sobre as casas e quebra o acordo firmado entre Paulo Renato Costa Souza e os estudantes, que dispõe que as casas são de responsabilidade do DCE (...).*

Os estudantes conquistaram nesta ocupação o direito a livre organização das casas irmãs. Conforme a Deliberação CONSU-Nº 254/88, assinada em junho deste ano, a administração da fase um do Programa de Moradia Estudantil da UNICAMP (o período em que as vagas permaneceriam nas sete casas irmãs) seria exercida pela Coordenadoria do DCE, tendo como seus órgãos de deliberação a própria Coordenadoria, os Conselhos de Entidades de Base e a Assembléia Geral.

A exigência pela autonomia de gestão das casas era fruto de uma nova visão a respeito da Universidade e sua estrutura administrativa criada pelos estudantes que moraram

no campus. Discussões diárias sobre todos os assuntos referentes a educação e ensino superior, permitiram uma elucidação sobre as possibilidades de organização e participação do movimento estudantil em todas as instâncias da universidade, como conclamava o Manifesto dos Estudantes da Universidade de Córdoba, de 1918, que provocou uma série de manifestações, movimentações e ocupações estudantis por toda a América Latina, exigindo a democracia, com a participação discente, dentro da universidade em todas as suas instâncias.

*Nosso regime universitário - mesmo o mais recente - é anacrônico. Está fundado sobre uma espécie de direito divino; o direito divino do professorado universitário. Acredita em si mesmo. Nele nasce e nele morre. Mantém uma distância olímpica. A federação universitária de Córdoba se levanta para lutar contra esse regime e entende que nele se vai a vida. Reivindica um governo estritamente democrático e sustenta que a comunidade universitária, a soberania, o direito de dar-se governo próprio radica principalmente nos estudantes. O conceito de autoridade que corresponde e acompanha um diretor ou um professor em um lar de estudantes universitários não pode apoiar-se na força de disciplinas estranhas à substância mesma dos estudos. A autoridade, em um lar de estudantes, não se exercita mandando, mas sugerindo e amando: ensinando. (Manifesto de Córdoba, 1918)*

Em março de 1989, o jornal Correio Popular, de Campinas, publicava a seguinte manchete “Promessa de Moradia na Unicamp”, a reportagem dizia que cerca de 108 casas seriam entregues até o final do mês de março desse ano. A reportagem também confirmava que o DCE estava cuidando do cadastro dos estudantes interessados em moradia e o início da discussão a respeito do transporte, já que o terreno se localiza à 3km da Universidade e não havia itinerário de ônibus urbano da moradia à Unicamp direto. Em maio, o mesmo jornal publicava : “Entrega de moradia da Unicamp é adiada”, que explicava que a entrega das casas havia sido transferida para o mês de junho. Nesta época já haviam mais de 200 interessados

na moradia estudantil.

Em maio, a Folha de São Paulo anunciava a entrega das primeiras casas da Moradia. A reportagem do dia 5 (Folha de São Paulo 05-05-1989) afirmava que apenas três casas haviam sido entregues e que o Reitor se comprometia a beneficiar 1500 estudantes, de um total de 12 mil que a Unicamp possuía na época.

Em julho de 1989, em uma reunião do Conselho Universitário, era aprovada a Fase Dois do Programa de Moradia Estudantil, que dispunha sobre a coordenação do programa.

Novamente, em atitude precipitada e contrária a definida pelo Termo de Acordo a reitoria quebra o contrato com a Deliberação CONSU-Nº 16/89, estabelecendo um regimento do Programa de Moradia Estudantil (PME), antes mesmo da entrega das casas.

Foi estabelecida a administração da moradia por meio de um conselho paritário, formado, a princípio, por dois docentes indicados pela Administração da Universidade; dois docentes indicados pelo Conselho Universitário; um docente indicado pela Comissão Central de Graduação; um docente indicado pela Comissão Central de Pós-Graduação; três estudantes indicados pelo Diretório Central dos Estudantes e três indicados pelo conjunto de moradores. À este conselho, deu-se o nome de Coordenação Geral.

*Neste regimento o ME conseguiu uma gestão paritária, composta por seis estudantes e seis docentes. Mas as conquistas foram mais longe, o DCE ainda indicou os professores Silvio Gamboa, da CCG (Ofício DCE 303/89), e Elias Humberto Alves, da CCPG (Ofício DCE 322/89), para a Coordenação Geral do PME < indicações que foram aceitas (Portaria GR 199/89). (Teani, 2006)*

Seria de responsabilidade da Coordenação Geral a administração geral do PME, promover a seleção dos candidatos as vagas de moradia, proceder com a expulsão de participantes do PME, elaborar um regimento interno (conforme plebiscitos entre os

moradores, seguindo a maioria absoluta) e criar instâncias necessárias para a administração do Conjunto Habitacional. Somente estudantes regularmente matriculados na Universidade e comprovadamente sem renda suficiente para se manter próximo a Universidade durante seu curso. Assim, seriam realizados processos de seleção sócio-econômicos promovidos pelo Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) em conjunto com a Coordenadoria Geral.

O ponto crítica da deliberação, no entanto, foi o estabelecimento de cobrança de taxas aos futuros moradores.

*Artigo 13: Cada ocupante de vaga contribuirá mensalmente com uma TAXA DE MORADIA, que compreenderá tributos diversos, tarifas de água e luz e demais despesas de manutenção do Conjunto Habitacional. (Deliberação CONSU - 16/89<sup>8</sup>)*

Por mais que o documento tivesse como intenção por parte da administração da Universidade estabelecer um conjunto de regras de vivência, e ainda que proponha uma administração paritária, nem os discentes, quanto menos os docentes possuíam experiência o suficiente para decidir por regras de vivência, seria necessário, portanto, uma ampla discussão com o conjunto de moradores já em posse de suas casas. A proposta pela cobrança de taxas na moradia entrava em contradição com toda a luta estudantil até então: garantir casas e permanência nos estudos a estudantes sem renda.

Novamente, tabanos e estudantes se reuniam em manifestações contrárias, desta vez pela não cobrança das taxas e pela construção, prometida dois anos anteriores. Foi graças a organização estudantil que a discussão das taxas foi suspensa, mas ela voltou a aparecer em 1998.

*No ano de 1998, a REItora tentou diversas vezes impor cobrança de taxas na Moradia Estudantil da Unicamp. Os moradores resistiram e venceram esta batalha, depois da*

---

<sup>8</sup> Deliberação CONSU - 16/89 in UNICAMP. Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Fundo Programa de Moradia Estudantil.



*realização de uma Assembléia de mais de duzentas pessoas e uma grande manifestação em frente ao local onde estava havendo a reunião da Coordenação Geral do Programa de Moradia (CGPM). (“Moradia: jogada às traças, DCE – Unicamp, 1998”)*

No dia 6 de janeiro de 1990, o Correio Popular publica a manchete “Unicamp começa a entrega de casas para estudantes”, em contraposição à Folha de São Paulo. Segundo a reportagem, foram entregues 30 casas, as primeiras residências, neste período, e não em 1989, como publicou a Folha.

---

<sup>9</sup> Moradia: jogada às traças, DCE – Unicamp, 1998, in Moradia Estudantil Unicamp. Centro de Memórias da Moradia. Fundo MEMORAS

## 6. O “equivoco político”

*“Durantes seis meses, religiosamente, uma vez por semana, portanto em, sei lá, quase trinta encontros, se discutiu muito, não apenas discutiram vários estudantes, e eram discussões que nunca tinham menos do que vinte, trinta pessoas, eles traziam desenhos... (Joan Villà, 2008)*

No ano seguinte à assinatura do Termo de Acordo, estudantes do movimento TABA se reuniam com o arquiteto Joan Villà, convidado pela reitoria e o NUDECRI (Núcleo de Criatividade da Unicamp) para formular o projeto de construção das casas estudantis, para decidir sobre o projeto de moradia estudantil.

Segundo Joan Villà, na época em que foram iniciadas as discussões sobre como construir a moradia estudantil, as primeiras idéias foram de que as casas deveriam ser individuais ou duplas, que era a estrutura que se conhecia, baseado na construção do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo - CRUSP. O que era inviável, tanto pelo terreno que foi disponibilizado para a moradia, como pela verba cedida pela reitoria.

Depois de tantas discussões, chegaram a conclusão de que a moradia deveria ir além. Deveria se tornar um espaço que mantivesse o clima da ocupação, uma convivência entre estudantes intensa que promovesse não só um teto, mas a formação política e cultural dos estudantes da Unicamp.

*"E essa idéia inicial de apartamentos para um ou dois evoluiu para outra coisa completamente distinta que seria ter como meta e que diversas unidades pudessem se conectar e permitir a organização de repúblicas, repúblicas de todos os tipos, tribos, galeras, o que fosse. Os santistas querem morar juntos? Bom, então eles vão poder*

*ficar em duas ou três casas que, através das portas ou dos quartos se conectem e montem uma república de santistas, por exemplo." (Joan Villà, 2008)*

Para o arquiteto, a idéia de construir repúblicas demonstrava um amadurecimento dos estudantes e combinava muito bem com seu projeto de construção de conjuntos habitacionais em mutirão. Diversos modelos foram desenhados, dois, três quartos, cozinhas coletivas, até se chegar no modelo atual: um quarto, uma sala, uma cozinha e um banheiro com portas que se interligam. A preocupação de haver uma comunicação entre as casas foi levantada, em primeira instância pelo ambiente que a ocupação do Ciclo Básico proporcionava, mas no amadurecimento das discussões uma preocupação política se fez presente. A história da ocupação militar do CRUSP em 1968, onde cerca de mil estudantes foram presos pela Ditadura Militar ainda era viva no movimento estudantil. Evitar situações deste tipo era fundamental.

*"O CRUSP obviamente é um espaço de um controle absoluto e total, porque todos os edifícios estão colocados em uma espinha e tem uma marquise de acesso, que leva a todos os prédios, todos os prédios têm portaria, portanto, quando a policia resolveu invadir o CRUSP ela teve um trabalho muito fácil de colocar um pequeno pelotão na marquise de acesso e controlar o acesso, que na época, eram, se não me engano, oito prédios, e pronto. Ou seja, um destacamento militar de vinte pessoas tomava conta daquilo. Isso seria impossível na Moradia da Unicamp porque precisaria de um batalhão bem maior." (Joan Villà, 2008)*

Todo o projeto, desenhado por Joan Villà, baseado nas discussões, desejos e sugestões dos tabanos, incluía não só a questão da convivência, mas da política como pautas principais. Embora tenha sido pensado de maneira democrática, o projeto encaminhado à reitoria não foi atendido completamente. Segundo Joan Villà, foi realizado um empréstimo

para a Caixa Econômica Federal, autorizado em Brasília para a construção da obra. No entanto, a verba cedida continha uma série de idéias iniciais.

O orçamento se pautou por um padrão de construção que empregasse por um lado os pré-fabricados, cerâmicas, painéis e etc., que compunham aos projetos de pesquisa enquanto artista residente de Joan Villà e, por outro, um orçamento pequeno diante das necessidades, como a garantia das 1500 vagas, por exemplo. *"Os luxos da moradia foram: o pavimento de granito e o corrimão das escadas. Essas formas que, de alguma maneira, fugiam do padrão eminentemente popular."* (Joan Villá, 2008).

O projeto previa 1500 vagas, áreas de convivência comum, salas para que os centros acadêmicos pudessem se reunir, sala de reunião para moradores, área de atendimento médico emergencial, área de comércio pela subsistência da moradia, áreas de desenvolvimento de projetos de extensão. Mas, o projeto inicial foi vetado pela própria universidade. *"O Conselho Universitário se posicionou contra, uma boa massa de professores entendia que era um equívoco político fazer uma moradia"*. (Joan Villà, 2008)

Seria um equívoco político "fazer a moradia" por uma questão de verba ou por ser esta uma oportunidade de maior mobilização estudantil? Para o arquiteto, a questão principal é que uma parte da moradia seria financiada com dinheiro de pesquisa. E, por mais que a moradia fosse a concretização de um projeto estudado sob a guarda do NUDECRI, pertencente a própria Universidade, era inaceitável que isto ocorresse.

Não só o "luxo", como brinca Joan Villà, mas pontos fundamentais foram desconsiderados. Por exemplo, no projeto inicial todas as casas da moradia possuem os quatro cômodos (quarto, cozinha, banheiro e sala), mas, existem hoje cerca de 30 casas que não possuem o quarto. No projeto, há pelo menos, dois blocos de casas a mais que nunca foram construídos, um pavilhão que abrigaria diferentes serviços, como comércio e de saúde, que também não saíram do papel.

Se para o corpo docente da Unicamp liberar verba o suficiente para a construção da moradia e, daquilo que consideravam “luxo” era um equívoco político, para os estudantes este equívoco ocorreu quando a falta de verba impediu a construção de uma moradia que atendesse as necessidades de seus pares, e que garantisse a seguridade dos moradores.

## 7. A moradia vive... o improviso!

Em 1990, a reitoria propunha que cada casa fosse ocupada por seis moradores oficiais e os estudantes quatro, a previsão era a de que as casas fossem entregues em sua plenitude até o final desse ano, mas devido a atrasos na entrega da verba pela Caixa Econômica Federal, houve atrasos nas obras.

Depois de várias negociações foi definido que seriam quatro moradores oficiais por casa. Além disso, seria montada uma comissão paritária (mais tarde chamada de CGPM) com seis docentes e seis discentes indicados por seus pares para o primeiro processo seletivo para a “Bolsa moradia”. Esta comissão deveria levar em conta a situação econômica da família do candidato e a distância entre a universidade e a cidade onde mora a família do estudante.

No entanto, antes mesmo que todas as casas fossem entregues, no mesmo ano de 1990, moradores reclamavam da situação precária das casas.

*Apesar da entrega das casas do PME durante o ano de 1990, os estudantes que se mudaram viviam em condições precárias, é o que dizia a reportagem do Correio Popular do dia 14 de agosto de 1990, que trazia a manchete: “Aluno de moradia da Unicamp vive o improviso”. Segundo a reportagem trezentos e vinte alunos residiam na Moradia e, além de faltarem utensílios básicos, tinham que conviver com os barulhos da construção. A reportagem não deixava de mencionar a satisfação de um aluno que havia se mudado. Para terminar, era anunciado o prazo de entrega da moradia para Outubro, devido ao Plano Collor. (Teani, 2006)*

Mato alto, goteiras, rachaduras e falta de manutenção passaram a ser o cenário das casas recém construídas.

*Gushiken [estudante] disse que a moradia tem outros problemas além de falta de manutenção. As casas tem goteiras e muitas estão com infiltração de água. Embora a Unicamp mantenha no local uma equipe de manutenção, os problemas continuam a aparecer. O problema deve ser na construção das casas, acrescenta Gushiken. (Folha de São Paulo 26/03/1991<sup>10</sup>).*

*“O arquiteto Joan Villà pode ter feito um projeto inovador, comunitário, etc. Mas, o fato é que a construção deixa a desejar: o tijolos aparentes geraram um custo de manutenção altíssimo (cerca de 10% do valor da construção em manutenção, basicamente corretiva), dado que ele exige aplicação de silicone anual para não haver desgaste da construção. vários problemas de infiltrações; subdimensionamento da rede hidráulica; o caso dos “estúdios” foi erro de projeto que fez com que os corredores “comessem” os quartos. Se você notar, o projeto arquitetônico dele ficou só nisso e a alvenaria foi feita por cima dos tijolos aparentes semi-derretidos, com necessidade de reforma, pelo que sei, nos blocos a e b...” (Willian Higa, 2010<sup>11</sup>)*

As taxas voltaram a ser exigidas sob o argumento de manter a manutenção, quando o que estava claro é que havia problemas decorrentes da construção, que nunca foram resolvidos, já quem em 2007 os blocos B, N e F estavam ameaçados de cair, pelos mesmos problemas: falta de estrutura e manutenção.

A jardinagem, o recolhimento do lixo, pequenas reformas eram organizadas pelos próprios moradores.

---

<sup>10</sup> Folha de São Paulo 26/03/1991 in UNICAMP. Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Fundo Diretório Central dos Estudantes.

<sup>11</sup> Willian Higa foi um dos representantes do DCE na comissão de negociação pela moradia em 1987

## 7.1 A moradia vive... o manifesto!

Desde o início os estudantes que moram na moradia passam pelos mesmos problemas: falta de renda, dificuldades em se manter na universidade pública longe de casa, falta de estrutura adequada na moradia cedida pela universidade e dificuldade na adaptação com diferentes culturas, de convivência. Esta última é, ainda hoje, amplamente discutida entre os moradores de moradias estudantis em todo o País.

O movimento TABA se fez importante na vida prévia da moradia não só por ter conquistado o direito a moradia, mas por ter suscitado discussões a respeito do “multiculturalismo” que existiria nas futuras casas. Sobre os problemas constantes de convivência. Decidiu-se por escrever um manifesto. O texto revelaria aos recém moradores do Programa de Moradia Estudantil, um dos segredos fundamentais para a boa convivência: o direito ao coletivo e a individualidade, o direito a manifestar-se:

*AmoraDiaeNoite: Moradia Estudantil da Unicamp*

*1- Viabilizar a vida acadêmica do estudante da UNICAMP, notadamente daquele menos favorecido economicamente, minimizando-se assim, neste particular, o contraste sócio-econômico existente na população brasileira. Possibilitando-se com isso, dado o acesso, a permanência na universidade do cidadão que embora tenha tal desejo e conhecimento para tanto, pode ver-se privado deste direito, por não dispor dos recursos financeiros, principalmente, para arcar com a infra-estrutura necessária (neste caso a moradia), quesito tornado necessário, principalmente, pelo porte da UNICAMP; instituição de interesse nacional, possuidora de cursos de período integral e de alta exigência em termos de dedicação.*

*2 – Da convivência mútua cotidiana, caracterizada pela proximidade continua de vários estudantes por longo tempo, deve se gerar uma relação indivíduo-indivíduo e indivíduo-coletivo, não estagnável. Que trabalhe as diferenças, e não tente as oprimir, incentivando cada um a manifestar-se e respeitar as manifestações dos outros*



*integrantes da aMORADIAenoite. Procurando-se assim, uma relação humana digna, pautada no equilíbrio. Simultâneo e o interdependente a este relacionamento externo: com os docentes e trabalhadores da UNICAMP, com o próprio bairro, a cidade de Campinas, outras moradias, outras comunidades, entidades, etc., que se avalie tenha objetivos não conflitantes com os da aMORADIAenoite. Deste relacionamento externo deve seguir-se o fortalecimento não só das comunidades, organizações, etc., envolvidas, mas principalmente da Nação Brasileira, aquele que em berço esplêndido navega nas ondas da luta por uma sociedade livre e justa, respeitadora de seus integrantes.*

*3 – Da organização necessária para no mínimo manter a convivência interna num patamar satisfatório, a aMORADIAenoite deve possibilitar ampla difusão de informações relevantes e fidedignas, venham de indivíduos ou organizações. O conhecimento destas informações, pode viabilizar aos integrantes da aMORADIAenoite o debate interno, em busca da compreensão dos significados, causas, resultados, etc., e, possibilitar a introdução de novas informações, aquelas que, até então, eram desconhecidas. Desta forma, cada integrante e, a própria aMORADIAenoite, terá de modo embasado uma avaliação e postura assumível e defensível. Seja em questões domésticas, passando por pontos mais abrangentes e fundamentais para a sobrevivência política da aMORADIAenoite, até problemas gerais que necessitem de uma manifestação, enquanto sujeito político também tripulante desta nave, chamada Terra. Para tanto, é necessário que a aMORADIAenoite possibilite uma discussão interna em busca do entendimento, por menor que seja, da estrutura e organização política nacional, suas variáveis e alternativas.*

*4 – Mais do que qualquer outra característica, a aMORADIAenoite terá que ser uma experiência cujos produtos sejam de cunho cultural. A moradia deve criar sua própria cultura – que a identifique. Para que esta cultura evolua, tenha significado, deve ser explicitada, divulgada, misturada com as suas vizinhas; e contando com a participação de outras pessoas e outros grupos representativos das mais diversas manifestações culturais, poder-se-á manter um intercâmbio de tal profundidade e*

*envergadura, que cause uma transformação dos participantes no sentido de se pensar mais atentamente no seu papel e no dos seus semelhantes neste caldo que se chama espécie humana, desreprimindo sua principal característica que é simplesmente CRIAR<sup>12</sup>.*

As idéias contidas neste manifesto dirigiram os moradores por um bom tempo os moradores mais engajados com a organização política da Moradia. Depois do TABA, moradores se uniram nos movimentos AmoraDiaeNoite, Amoramoras<sup>13</sup> e o último que se tem notícia é o Katia-Fire<sup>14</sup>. Em todos eles, moradores lutavam em prol da autonomia das casas, luta que se mantém até hoje.

---

<sup>12</sup> Manifesto Amordiaenoite, in Moradia Estudantil Unicamp. Centro de Memórias da Moradia. Fundo MEMORAS.

<sup>13</sup> Amoramoras - Movimento de moradores na tentativa de criar uma associação de moradores. Foi responsável por organizar uma intensa luta contra a expulsão de hóspedes na moradia.

<sup>14</sup> Kátia-Fire é o nome do movimento de moradores que culminou na ocupação da reitoria em 2007. A principal pauta do movimento era a demissão da então coordenadora da moradia profª Kátia Stankato, que atacava frontalmente a autonomia das casas. Neste período dezenas de casas foram fechadas e hóspedes expulsos sem maiores explicações pela Universidade.

## **7.2 A moradia vive... o autoritarismo e o protesto!**

A respeito dos anos da década de 1990 não foi possível encontrar documentos que esclarecessem ou comprovassem a manutenção da gestão paritária votada no CONSU. No entanto, dezenas de boletins, jornais, zines e atas de reuniões dos moradores citam a CGPM - Coordenação Geral do Programa de Moradia - como órgão de representação. A CGPM era formada, em tese, por representantes docentes e discentes, sendo estes, uma parte eleitos pelos moradores e outra através de indicação do DCE. Este órgão foi o responsável por votar as deliberações administrativas da moradia por cerca de dez anos, e também por gerir o processo seletivo dos bolsistas moradia. A participação de moradores neste processo permitiu uma melhor avaliação a cerca dos futuros moradores, já que focavam a avaliação da inscrição nas condições sócio-econômicas, excluindo, portanto, o critério “nota” e “desempenho acadêmico”, como propunha o SAE.

Em 2000, o então reitor, Hermano Tavares, apresentou uma proposta de regulamento para o PME que se diferenciava em diversos pontos do que havia sido negociado e votado pelos representantes discentes e reitoria. Justificando esta diferença, Hermano Tavares destacou a idade da implementação do projeto do PME, 10 anos, como argumento pela mudança do regimento. Segundo ele, durante a década, a Universidade havia mudado, novos estudantes de graduação e pós-graduação compunham o cenário atual, além, é claro, da criação de novos cursos, chamado por ele de “democratização da universidade”. Segundo o reitor, a “democratização da universidade” permitiu que muitos alunos carentes entrassem na Unicamp, o que o obrigava a rever as formas de atendimento a estes alunos, o que incluía o PME.

A proposta do reitor mudava o nome do PME para CRU (Conjunto Residencial Universitário da Unicamp). O segundo artigo tratava da administração da moradia, que seria

“exercido por uma coordenadoria e assessorada por um conselho”:

*Parágrafo Único – A Coordenadoria do CRU será composta:*

*1 – pelo Coordenador designado pelo Reitor dentre os servidores docentes, ouvidos os Pró-Reitores de Graduação e o coordenador do SAE;*

*2 – pelo Administrador indicado pelo coordenador do CRU, ouvida a Prefeitura do Campus:*

*3 – Pelo responsável pelo Serviço Social do CRU;*

*4 – Pelo responsável pelo Serviço Social do SAE;*

*2º Parágrafo – Compõe o Conselho do CRU:*

*1 – o Coordenador do CRU;*

*2 – o Administrador do CRU;*

*3 – o responsável pelo Serviço Social do CRU;*

*4 – o responsável pelo Serviço Social do SAE;*

*5 – três docentes, sendo um indicado pelo Reitor, um pela CCG e um pela CCPG;*

*6 – um aluno de graduação morador do CRU, eleito pelo conjunto de moradores;*

*7 – um aluno de pós-graduação, morador do CRU, eleito pelo conjunto de moradores<sup>15</sup>.*

A proposta gerou desconforto entre os moradores, principalmente por se mostrar mais um ataque à autonomia das casas e ao direito de livre organização dos moradores. Enquanto a CGPM era composta por seis docentes e seis discentes, a nova proposta garantia a presença de estudantes (dois de nove dos membros do conselho) somente num conselho de caráter consultivo.

Em agosto de 2000, foi aprovada a proposta de Hermano Tavares pela Deliberação CONSU A-4/00), trazendo muita insatisfação ao ME. Esta deliberação extinguiu a CGPM, que era paritária para criar uma coordenadoria deliberativa sem a presença de

---

<sup>15</sup> Proposta de Hermano Tavares para o projeto do PME, in UNICAMP. Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Fundo Programa de Moradia Estudantil

estudantes, assessorada por um conselho onde os estudantes (maioria de moradores) eram minoria.

No dia 22 de agosto, moradores do PME escreviam uma carta de protesto contra a reunião do CONSU que aprovou a extinção da CGPM. Segundo os moradores, a reitoria tomou uma série de procedimentos que impedisse a participação dos representantes discentes e da comunidade acadêmica, aprovando a deliberação a toque de caixa:

*Caras amigas e caros amigos deste Conselho, pedimos que ouçam as seguintes palavras como proferidas por pessoas que pensam, têm sonhos, desejos, virtudes e contradições, assim como vocês.*

*Nós alunos da Unicamp, nos sentimos injustiçados e ofendidos com a forma como estão sendo encaminhadas as propostas da administração desta Universidade em relação à Moradia Estudantil.*

*Entendemos que é necessário enfatizar alguns pontos:*

*1º. As propostas referentes à Moradia Estudantil foram incluídas na pauta do Conselho Universitário com apenas uma semana de antecedência, exatamente a última semana do semestre letivo, surpreendendo os estudantes e os conselheiros. Além disso, a articulação do texto da Deliberação CONSU em questão não foi apresentada aos representantes discentes da CGPM, órgão afetado diretamente por este processo.*

*2º. A administração da Universidade utilizou-se da lista de e-mails da Diretoria Acadêmica, que deve se destinar apenas a fins acadêmicos, para enviar a todos os alunos e professores uma carta extremamente tendenciosa e agressiva a respeito da Moradia, vinte e quatro horas antes da sessão do CONSU, impedindo que a comunidade universitária tivesse acesso a outras visões sobre a questão. A carta carregava o logotipo da UNICAMP, numa tentativa de oficializar uma série de preconceitos aos olhos das pessoas que não conhecem a Moradia.*

*3º. Na manhã do dia 15 de agosto, data da reunião do CONSU, os Circulares Internos (ônibus que fazem o trajeto Moradia-Unicamp) foram cortados, impedindo*

*que chegássemos à Reitoria com alguma antecedência, e prejudicando todos os alunos que contavam com os ônibus para ir até a UNICAMP assistir às suas aulas ou fazer suas provas. Nunca tivemos os ônibus cortados: ficamos perplexos!*<sup>16</sup>

Em novembro de 2000, num boletim dos moradores, estudantes denunciavam a não obtenção de respostas a cerca do processo seletivo de moradores e conclamavam a volta da CGPM.

Em 2001, sem a CGPM e participação discente no processo de seleção da bolsa moradia, estudantes moradores organizaram o boicote ao processo seletivo do SAE.

*Assinar o termo de compromisso do serviço social é, além de referendar o processo delas, dar todas as informações que elas precisam para nos controlar aqui dentro. O resultado do nosso processo de seleção sairá na segunda-feira 22/01/2001. Durante toda esta semana trabalhamos, na CGPM, na análise dos documentos. Estamos sendo assessorados por uma assistente social, e já temos dois professores que se dispuseram a nos ajudar na CGPM (sobretudo no que diz respeito à fiscalização no nosso processo de seleção). Na segunda-feira divulgaremos quais foram os parâmetros utilizados na seleção, as datas de entrevista, e como Será a segunda fase do Processo Paralelo*<sup>17</sup>.

Em resposta, a administração do CRU distribuía cartas e cartazes pela moradia com difamações aos discentes da CGPM resistente. Ao mesmo tempo, representantes discentes de diferentes instâncias da Universidade, DCE e o Conselho de Representantes de Blocos da moradia, apresentavam documentos oficiais de apoio ao processo seletivo paralelo.

A CGPM continuou existindo para os estudantes, mostrando a importância da

---

<sup>16</sup> Boletim publicado pelos estudantes moradores do PME, in Moradia Estudantil Unicamp. Centro de Memórias da Moradia. Fundo MEMORAS.

<sup>17</sup> Carta aos moradores do PME contra o processo seletivo do SAE, in Moradia Estudantil Unicamp. Centro de Memórias da Moradia. Fundo MEMORAS.

organização estudantil para os estudantes, não só como um veículo de diálogo com a burocracia universitária mas como ferramenta de organização do ME.

O resultado dos processos seletivos foi a vitória do processo paralelo. Centenas de estudantes, incluindo calouros preferiram se inscrever no processo organizado pelos moradores, depositando total confiança numa organização estudantil realmente representativa, ao invés de deixar com que o órgão oficial da Universidade, o SAE, decidisse sobre o futuro daqueles que necessitavam de uma casa para permanecer na universidade.

Diante desta situação e a beira da explosão de um novo movimento “TABA”, a reitoria cedeu e estabeleceu a volta de uma coordenação paritária para a moradia na Deliberação CONSU A – 24/01:

*Capítulo III – Da Coordenação Deliberativa e da Coordenação Executiva do PME.*

*Artigo 7º - A direção do PME será exercida deliberativamente por uma Coordenação Deliberativa do Programa de Moradia Estudantil e administrativamente por um coordenador executivo, assessorada por um Conselho Consultivo.*

*Artigo 8º - A Coordenação Deliberativa, instância máxima do PME, será composta:*

*I – por seu coordenador, um docente indicado pela reitoria;*

*II – pelo coordenador executivo do PME;*

*III – por dois representantes indicados pela reitoria e homologados pelo CONSU;*

*IV – por quatro discentes eleitos pelos moradores, dois dos quais necessariamente moradores do PME, com mandatos de um ano, permitida a recondução<sup>18</sup>.*

A este documento foi dado o nome de Deliberação Interna do PME, acordado em 2001 pelo CONSU entre docentes e discentes. No entanto, o documento deixa em suspenso um regimento Interno da Moradia Estudantil, que, até o ano de 2009 ainda não havia sido

<sup>18</sup> Deliberação CONSU A – 24/01, in UNICAMP. Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Fundo Programa de Moradia Estudantil

proposto, sem pelos docentes e nem pelos moradores, o que permite que a administração da moradia , desde o ano de 2002, assumia funções que não lhes cabe. Atualmente, a Moradia não possui Conselho Consultivo, somente Deliberativo, constituído de maneira que paritária com cinco docentes indicados pela reitoria e cinco discentes eleitos.

A discussão que pulsa atualmente entre os moradores é sobre a efetividade da paridade no conselho como garantia de democracia, uma vez que, passados nove anos, a Moradia enfrenta os mesmos problemas: falta de manutenção, estrutura, perseguição de hóspedes e uma administração sob as rédeas de representantes não moradores e, portanto, insensível as necessidades dos moradores.

A necessidade de se reavaliar a administração da Moradia e de seus representantes foi iniciada em 2007, quando, sob um regime autoritário, moradores decidiram ocupar a reitoria exigindo a demissão da então administradora executiva Kátia Stankato. A vitória foi cantada pelos estudantes, uma nova coordenação assumiu o posto, no entanto, deste ano, os moradores não mais se sentem representados pela administração.

Pulsa agora um novo movimento, que traga as discussões de uma moradia livre, dos estudantes, como o TABA desejava quando a Moradia Estudantil ainda era um sonho.



## Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo narrar a história da Moradia, ainda que por apenas parte dos seus vinte anos, não só por fazer parte da minha história, mas porque a Moradia Estudantil da Unicamp se tornou um dos maiores e mais importantes conjuntos habitacionais universitários do País.

Durante os seus vinte anos de existência, de construção de processos de coletividade, dos programas educacionais desenvolvidos pelos moradores, assim como as lutas políticas travadas com a instituição e o governo estadual permitiram com que os estudantes e moradores tivessem acesso a um processo de formação acadêmica diferenciada.

Panfletos, vídeos, entrevistas, jornais, “zines”, cartazes e fotos estão hoje guardados em um arquivo de memórias, sob os cuidados do projeto de “Biblioteca da ‘Moras’”. Estes materiais guardam a história oficial da Moradia, aquela contada e documentada pelos próprios moradores em todos os seus momentos mais importantes, desde a realização de eventos culturais, da auto-organização do espaço até os enfrentamentos com a instituição para garantir o direito pleno a permanência estudantil e manutenção das casas.

A ocupação do Ciclo Básico pelo movimento pró-moradia e a transformação do campus em TABA promoveu uma verdadeira revolução na concepção a respeito de universidade e representação estudantil. No primeiro caso porque foi possível, em dois anos de intensas discussões aprofundar o debate a respeito da estrutura da universidade, principalmente, da estrutura de poder dela. Foi possível provar que é possível sim que estudantes façam parte da administração da Universidade, que possam decidir sobre o melhor caminho a seguir diante de problemas que dizem respeito aos próprios estudantes.

O que estava dado, acima de tudo, era a constituição de uma nova cultura ao movimento estudantil. Os tabanos viam na construção da moradia não somente a oferta de vagas e teto, mas a viabilização de uma vida acadêmica ao estudante menos favorecido, minimalizando-se assim, neste particular, o contraste sócio-econômico existente na população brasileira. Viam também um potencial na convivência mútua cotidiana entre diferentes culturas, caracterizada pela proximidade contínua de várias estudantes por longo tempo, gerando uma nova relação entre indivíduo-indivíduo e entre indivíduo-coletivo de maneira não estagnável.

A participação dos estudantes na produção do projeto arquitetônico da moradia mostra que tipo de cultura ansiavam os tabanos. As portas que interligam as casas não representam somente a junção de iguais, como defende o arquiteto Joan Villà, mas são portas que se abrem não somente para um quintal, uma sala a mais, mas para uma infinidade de possibilidades, para vidas, formas, conversas, festas e estudos diferentes. Portas que permitiram a criação de histórias, de lendas, de convivências e ocupações e que, enfim, permitiram com que morar na moradia se equipare a estar numa constante ocupação.

Ao longo dos anos moradores de diferentes gerações, tendo consciência da história, ou pelo menos de parte dela, do lugar em que vivem puderam resgatar os ideais defendidos pelo Manifesto do AmoraDiaeNoite. Promoveram não só ações políticas junto ao ME, mas ações de contra-cultura, como o Kátia-Fire, impulsionando o grito dos moradores por uma moradia livre.

Na tentativa de resgatar por uma ordem cronológica tive que deixar de lado uma série de documentos, cartazes, desenhos e anúncios extremamente simbólicos aos moradores. E, apesar de ter traçado como meta narrar a história do início ao fim, percebi, ao longo do processo de produção desta monografia, a impossibilidade de se atingir o objetivo inicial.

Para que a história da Moradia fosse contada em seus pormenores, seria

necessário uma revisão minuciosa dos mais de 200 arquivos distribuídos no SIARQ, DCE e MEMORAS. Além, é claro, da infinidade de arquivos pessoais. Seria necessário que todas as casas, do bloco A ao P tivessem suas histórias contadas, para que ficasse expresso de maneira explícita a enorme diversidade cultural deste lugar. Ao mesmo tempo é necessário destacar que este trabalho é a primeira tentativa em vinte anos de se produzir um documento que reunisse diferentes informações a respeito da história da Moradia como um espaço coletivo, de convivências, de formação ao estudante universitário.

A Moradia vai além de um “depósito confortável” para estudantes sem renda. Ela é, entre tantas coisas, um espaço de invenções. Invenções de espaço, improvisação de móveis, resoluções de problemas (dos mais simples como a troca de lâmpadas, até os mais complexos como a incompatibilidade de moradores da mesma casa).

*“O grande legal de morar aqui que supera esta história de você ser o pobre jogado num depósito, que mora numa casa com uma goteira que cai na sua testa toda manhã te levantando pra aula das oito, pro ônibus que está lá fora no frio é a coisa de gostar dos diferentes que se pode encontrar aqui. Sabe, muita pouca gente tem contato com pessoas de outros cursos, e isso a Moradia consegue preservar bem. (...) Treinar a invenção. A invenção do Estado, a invenção da sociedade, como você se dá bem e como você resolve os problemas. Sem precisar se esconder atrás de instrumentos que vão dizer até que horas você vai espirrar, mas de ser obrigado a construir uma convivência(...) sem se perder de vista que você está numa comunidade.*

*Se as pessoas se fecham em casa, a moradia não vai poder ser curtida do jeito que ela deve. Você nunca vai poder aproveitar o gramado que há na frente da sua casa.*

*(...) Está na hora das pessoas saberem o que está além do tijolo quebrado e da torneira que não fecha.” (Ubaldo Marques<sup>19</sup>)*

---

<sup>19</sup> Ubaldo Marques foi um dos principais representantes dos estudantes na luta por moradia. A principal rua de acesso do Programa de Moradia Estudantil da Unicamp recebeu seu nome em 2006, como uma homenagem dos estudantes.

A moradia vive... os moradores, vive as casas. Vive os movimentos, vive o Virada da Lua<sup>20</sup>, os centros de vivência, os projetos, o ateliê<sup>21</sup>. Revive a TABA. Busca incessantemente por uma representação justa. A moradia vive o anseio por autonomia. A moradia... vive!

---

<sup>20</sup> Festival Artístico – Cultural Virada da Lua: Festival realizado pelos moradores com o objetivo de aproximar estudantes e comunidade por mostras artísticas e oficinas.

<sup>21</sup> Ateliê: Projeto de ateliê organizado por moradores e que tem sofrido uma série de ameaças administrativas.

## Referências Bibliográficas e Fontes

### Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE, J. A. G: Movimento estudantil e consciência social na América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

GOFF, Jacques Le. História e Memória. Campinas, São Paulo. Ed. Unicamp, 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Análise de Documentos em Ciências Sociais. Coleção Textos. Série 2, n.10. CERU/USP, São Paulo, s.d.

PEREIRA, M. C: Tecendo a manhã: história do Diretório Central dos Estudantes da Unicamp (1974 – 1982). Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2006.

POSADAS, J. O Papel dos Estudantes na Luta pelas Transformações Sociais. São Paulo, Ciência, Cultura e Política, 1968. (coleção Marxismo Vivo 2)

SOUSA, L. M. de & SOUSA, S. M. G. Jovens Universitários de Baixa Renda e a Busca pela Inclusão Social Via Universidade. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v.1, n.2, São João Del-Rei, dez. 2005

SOUSA, Livia Mesquita de. Significados e sentidos das casas estudantis: Um estudo com jovens universitários. Dissertação (Mestrado – Psicologia), UCG Goiás, 2005.

TEANI, Márcia Soraya. Representação Discente no Programa de Moradia Estudantil da Unicamp (2000-2001): Ocupando Espaço?. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2006.

VALLE, Maria Ribeiro do 1968: O Diálogo É a Violência - Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil. Campinas, Ed. da Unicamp, 1999

**Documentos:**

Ministério do Exército. II Exército General. IPM – CRUSP. Relatório anos 1968 e 1969. IPM Crusp.

Memorex: Elementos para uma História da UNE. São Paulo, Edições Guaraná, 1979

Secretária Nacional de Casas Estudantis. Plenária Final do XXXIII ENCE, Belém do Pará. 24 de abril de 2009.

UNICAMP. Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Fundo Diretório Central dos Estudantes.

UNICAMP. Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Fundo Programa de Moradia Estudantil.

Moradia Estudantil Unicamp. Centro de Memórias da Moradia. Fundo MEMORAS.

**Artigos de Jornal:**

Estudantes são mantidos em cárcere privado na casa estudantil da UFMT. Causa Operária Notícias On-line. São Paulo. 13 de maio de 2009, disponível em:  
[http://www.pco.org.br/conoticias/ler\\_materia.php?mat=14411](http://www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=14411) acessado em 25 de agosto de 2009, às 12h45´

Lima, Coracy. Universitários denunciam violência policial. Rondonópolis. Rondônia. 17 de novembro de 2009, disponível em:

[http://www.rondonopolis.mt.gov.br/view\\_conteudo.php?id=3738](http://www.rondonopolis.mt.gov.br/view_conteudo.php?id=3738) acessado em 17 de novembro de 2009 as 16h30'

Taba: um espaço de diferença. A TABA é Nossa, Campinas, 03/1986. s/nº.

A Crise e a Moradia. Boletim do Conselho de Representantes de Bloco, Campinas, 02, março de 2001. s/nº.

Manifesto da moradia. Segura Esse Vogt, Campinas, novembro de 1998. s/nº.

Manifesto Meu Repúdio. Boletim do Conselho de Representantes de Bloco, Campinas, abril de 2001. s/nº.

Correia, Paula. Unicamp lacra moradia de estudantes. Correio Popular, Campinas, 1991. s/nº.

#### **Sites:**

Reforma Universitária de 1918. La Juventud Argentina de Córdoba a los hombres libres de Sudamérica. Manifiesto de Córdoba. 21 de junho de 1918. Disponível em

<<http://www.finmeduacion.com.ar/Historia/Documentoshist/1918universidad.htm>>

Acessado em 15/05/2010:

Moradores do CRUSP, fechado pela ditadura em 1968, se reencontram para recuperar a história do Conjunto Residencial. São Paulo.

Disponível em: <<http://rmw/crusp68/pressrel.htm>> Acesso em: 16/04/2010.

Calgareo, Fernanda. Ex-alunos de moradias da USP relembram 40 anos de ocupação militar. São Paulo, 28 de novembro de 2008.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/0,,MUL881473-5604,00->

EXALUNOS+DE+MORADIAS+DA+USP+RELEMBRAM+ANOS+DE+OCUPACAO+MI  
LITAR.html> Acessado em 16/04/2010.

Universidade Estadual de Campinas. Deliberação CONSU-A-24, de 04/01. Campinas.

Disponível em: <<http://www.pg.unicamp.br/delibera/2001/DE24A01.htm>> Acessado em  
16/11/2009

Casa do Estudante do Brasil. Estatutos da fundação Casa do Estudante do Brasil. Rio de  
Janeiro, 1937.

Disponível em:

<[http://openlibrary.org/b/OL14818365M/Estatutos da fundação Casa do estudante do Bra  
sil](http://openlibrary.org/b/OL14818365M/Estatutos_da_fundacao_Casa_do_estudante_do_Brasil)> Acessado em 16/11/2009.





Atualmente esta nossa luta pela criação de moradia estudan-  
til na UNICAMP, embora continue ainda com um número reduzido de participa-  
tes, nesse aspecto, conseguiu a trabalhar a pouco tempo, e devido ao pequeno  
comprometimento das nossas colegas a escola durante o período da greve dos pro-  
fessores, ficando praticamente paradas.

Não, embora de vários institutos da UNICAMP, nos reunimos  
no início deste ano com o intuito de discutir o problema de moradia e já re-  
alizamos alguns trabalhos práticos. Em datas foi um abaixo-assinado reivindicando  
de que nossa universidade seja fiadora das casas que surgirem para repúblicas,  
abrangendo também professores e funcionárias; foram colhidas 2500 assinaturas.  
Outra tarefa foi a montagem de "banquinhas" para auxiliar e dinamizar a forma-  
ção de repúblicas, que funcionaram durante as duas últimas semanas de abril, no  
prédio do Ciclo Básico. Num balanço destes dois trabalhos, constatamos que o a-  
baixo-assinado quando começou a ser passado para escola, não teve a circulação  
desejada, mas depois, com a participação de muitas colegas na Comissão, este tra-  
balho foi intensificado e o abaixo-assinado será entregue brevemente. Com rela-  
ção as banquinhas, a execução desta tarefa ficou tão difícil, devido principal-  
mente ao pequeno número de elementos na comissão, que tivemos de desativá-las.  
Apesar disso, os negativos das banquinhas, enquanto funcionaram, foram atingi-  
dos, e para substituí-las providenciadas no quadro mural que está funcionando  
no Básico, contendo informações a respeito de moradia tais como: pedidos e ofer-  
tas de vagas em repúblicas, venda de móveis, etc.

Um fato promissor apareceu ao decorrer de nosso trabalho.  
O famoso pesquisador de Física, professor Cesar Leite, resolveu doar um terreno  
e nós, estudantes da UNICAMP, para lá construirmos um alojamento para estudan-  
tes. O terreno donde tem 16.000m<sup>2</sup>. Situa-se em Barão Geraldo, a uma 2 Km da es-  
cola. Para que seja efetivada a doação o professor Cesar Leite coloca como exigen-  
cia a formação de uma "Fundação", que é uma instituição legal e terá a seu ca-  
rgo a tarefa de arrecadar fundos para a construção e manutenção de novos futu-  
ro alojamento universitário, de outras casas de estudantes. A questão da fundação  
tem se mostrado um tanto complexa e deverá ser discutida numa reunião aberta à  
participação de todos.

Esta doação é muito importante para nós, pois é uma oportu-  
nidade concreta de solucionarmos um problema muito sério que há muito tempo  
nos atormenta em Campinas. Queremos fazer duas perguntas, nossa primeira (quanto na  
luta por moradia estudantil, uma reivindicação coletiva e contida dos estudantes  
de Campinas, nesta reunião fomos em 14-05, e participamos, uma participação do  
"Encontro de Casas de Estudantes de São Paulo", onde fomos organizadas a ní-  
vel estadual na Secretaria das Casas de Estudantes, que está pensando em levar  
uma luta nacional por moradia estudantil. Assim também, o próximo trabalho se-  
rá a realização de uma pesquisa que será encaminhada ao Parlamento Nacional a  
través de um deputado federal. Nossa colaboração nesta luta será a de realizar  
esta pesquisa aqui na UNICAMP.

## REUNIÃO GERAL

QUARTA FEIRA - DIA 21 - 10:30 HORAS

Para:

Professores,  
Alunos da Comissão,  
Professores e Funcionários

Local:  
Biblioteca

COMISSÃO PRO-MORADIA

# C.O.

Das últimas duas semanas, os Centros Acadêmicos da UNICAMP, atraídos por uma Comissão criadora para este fim, fizeram algumas discussões preliminares sobre o C.O. melhor, o Conselho Universitário. Estas discussões resultaram em um atório preliminar que encontra a disposição sede do ICE. Tal relatório foi enviado à teoria e demais entidades e a discussão deve entrar de agora em dia. Para isto estamos esperando a análise que a teoria fará desta proposta.

O C.O. constituiu-se a discussão extremamente complexa e não será um boletim que tal vez será elucidado. Mas, se algum estiver de tomar contato com a questão, procure ICE algum dos membros da comissão que discutiu

o C.O. acadêmico, não é,

UNICAMP - 1308 - L. 1308 - 1308  
25 e 26 de agosto

## MORAJILHA ESTUDANTIL: UMA LUZ NO FINAL DO TÚNEL

Finalmente a questão da moradia estudantil parece ganhar para uma resolução definitiva. No último C.E.B. ocorrido no dia 12/08, os C.A.s em conjunto com o A.C.E.E. elaboraram uma carta proposta de início das discussões junto à reitoria dos principais pontos que envolvem a instalação da moradia. O reitor, em resposta, baixou uma portaria criando uma comissão, que dentro de um prazo de 60 dias irá finalizar e elaborar o projeto final da moradia. Esta comissão será composta de um membro do D.C.E., um membro de cada C.A., o C.O.U., o Pró-Reitor de Extensão, o prefeito do campus, o Cofre de Gabinete, e um representante da A.S.C.

É importante que os estudantes participem desta discussão e que para isso apresentem propostas concretas e representativas. Para tanto, logo após a Semana da Pátria, haverá a quinzena de discussão sobre a moradia, onde de D.C.E. e C.A.s levarão a questão para cada Instituto, e posteriormente elaborarão uma proposta do conjunto dos estudantes.

Para que esta discussão seja bastante proveitosa é importante que desde já comecemos a pensar alguns pontos prioritários que envolvem esta questão: 1) Localização da moradia. 2) Aluguel, no campus ou em fora? 3) Gestão. Autogestão ou gestão universitária? 4) Qual o prazo de entrega do primeiro imóvel? 5) Como financiar os moradores da TABA durante a construção?

Cada um desses pontos exigem uma reflexão extensa e orientada sobre toda a organização de Universidade e de Universidade estudantil. Portanto é preciso que a discussão se dê dentro de uma concepção globalizante do problema.

Patrão Lourenço, seus filhos, escreve a sua obra para o meu na esperança



- Reunião do C.D.
- Dia 26: - Hoje eu peguei um ônibus lotado!
- Dia 27: - Reunião do Clube Borrascas às 12.30 no ICE
- Lotado mesmo...
- Juro!
- Dia 28: - Paulo Renato na Congregação do IFF
- Ontem teve assembleia, esqueceu ou não quis mesmo?
- Dia 29: - A OCTO comprou a prefeitura, e o ônibus tá na mesma, viu?
- ASSEMBLÉIA ASSINELÉIASIM
- na quarta-feira às 11:30 no BASTCO. Apareçam, porra!
- ASSEMBLÉIA ASSINELÉIASIM
- ASSEMBLÉIA ASSINELÉIASIM
- DISCUSSÃO DE MORAJILHA...
- ASSEMBLÉIA ASSINELÉIASIM

# Aluno de moradia gratuita da Unicamp vive o imprevisto

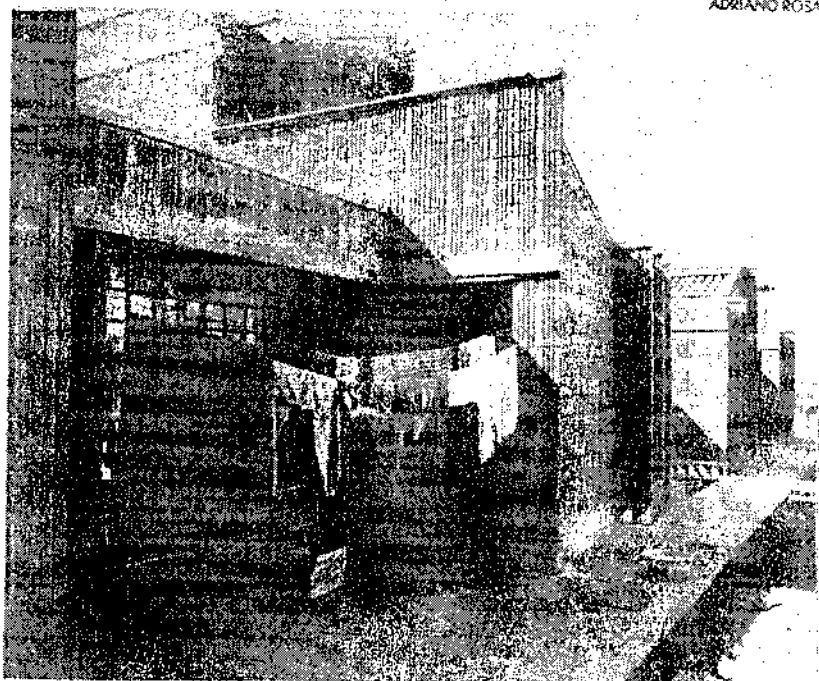
ADRIANO ROSA

O coordenador da Comissão Geral do Programa de Moradia da Unicamp, José Martins Filho, prometeu ontem entregar mais 35 casas aos estudantes da universidade na próxima semana. Trezentos e vinte alunos da Unicamp já residem no conjunto de casas da universidade, distribuídos em 81 unidades, onde é precário o sistema de transporte coletivo, os espaços são divididos por biombo, em alguns casos, há rachaduras nas paredes, faltam armários e filtros de água, além do convívio com barulho de pedreiros e poeira de material de construção.

Os beneficiados com o programa de moradia da Unicamp, que até agora não tinham qualquer tipo de despesa, vão começar a pagar suas contas de luz, água e taxas de condomínios. Para ter acesso às residências gratuitas da universidade, o estudante tem de comprovar renda de, no máximo, Cr\$ 10 mil, além de apresentar um currículo de qualidade à comissão de seleção dos candidatos. Apesar das reclamações por falta de infra-estrutura nas residências alguns alunos elogiam a iniciativa da instituição, como é o caso do estudante de Ciências Sociais, Guilherme Cavaleiro Dias Filho. "Se não fosse o programa eu não estaria vivendo com a minha mulher".

## PREVISÃO

O projeto do conjunto prevê a construção de 251



Alunos da Unicamp convivem com o precário nas moradias gratuitas

moradias para aproximadamente mil estudantes da Unicamp. A princípio, o prazo para entrega das 251 moradias encerrava-se em março deste ano. O Plano Collor, no entanto, adiou a estimativa da Comissão Geral do Programa, para julho, com o bloqueio dos recursos da universidade na Caixa Econômica Federal e, posteriormente, para outubro. As obras começaram em agosto de 1988 e o orçamento atual para a conclusão do projeto atinge Cr\$ 400 milhões.

Não há dinheiro disponível para realizar o projeto como foi planejado, segundo o coordenador da comissão, José Martins Filho, ao acolher as críticas dos alunos residentes. "Estamos tentando dar condições básicas de moradia aos alu-

nos", lamenta Martins. Com as 35 residências que serão entregues na próxima semana serão beneficiados 140 alunos, que aguardam apenas a colocação de monitores de luz e outros pequenos detalhes de acabamento.

Os estudantes são escolhidos pela Comissão Geral do Programa de Moradia da Unicamp de acordo com a situação econômica e acadêmica de cada um. A comissão é formada por estudantes, professores e representantes da Reitoria. Eles têm que apresentar uma renda máxima de Cr\$ 10 mil mensais e se houver empate entre dois candidatos funciona o esquema de análise de currículo. Quem tiver melhor desempenho acadêmico, mora no imóvel.

Campinas, 22 de agosto de 2000.

Caras amigas e caros amigos deste Conselho,

Pedimos que ouçam as seguintes palavras como proferidas por pessoas que pensam, têm sonhos, desejos, virtudes e contradições, assim como vocês.

Nós, alunos da Unicamp, nos sentimos injustiçados e ofendidos com a forma como estão sendo encaminhadas as propostas da administração desta Universidade em relação à Moradia Estudantil.

Entendemos que é necessário enfatizar alguns pontos:

1º) As propostas referentes à Moradia Estudantil foram incluídas na pauta do Conselho Universitário com apenas uma semana de antecedência, exatamente a última semana do semestre letivo, surpreendendo os estudantes e os conselheiros. Além disso, a articulação do texto de Deliberação Consu em questão não foi apresentada aos representantes discentes da CGPM, órgão afetado diretamente por este processo.

2º) A administração da Universidade utilizou-se da lista de e-mails da Diretoria Acadêmica, que deve se destinar apenas a fins acadêmicos, para enviar a todos os alunos e professores uma carta extremamente tendenciosa e agressiva a respeito da Moradia, vinte e quatro horas antes da sessão de Consu, impedindo que a comunidade universitária tivesse acesso a outras visões sobre a questão. A carta carregava o logotipo da Unicamp, numa tentativa de oficializar uma série de preconceitos aos olhos das pessoas que não conhecem a Moradia.

3º) Na manhã do dia 15 de agosto, data da reunião do Consu, os Circulares Internos (ônibus que fazem o trajeto Moradia-Unicamp) foram cortados, impedindo que chegássemos à Reitoria com alguma antecedência, e prejudicando todos os alunos que contavam com os ônibus para ir até a Unicamp assistir às suas aulas ou fazer suas provas. Nunca tivemos os ônibus cortados: ficamos perplexos!

Em suma, estas ações da reitoria foram injustas e de uma autoridade descabida, pois foram utilizados arbitrariamente mecanismos aos quais não temos acesso com a finalidade exclusiva de fazer aprovar neste Conselho propostas que nos dizem respeito diretamente e, o que é mais grave, isso ocorreu sem que houvesse um debate aprofundado para evitar erros no julgamento do assunto.

Entendemos que foi criado um clima de urgência em torno da votação. Algumas pessoas esperavam algum tipo de esclarecimento; outras aguardavam qualquer solução imediata para dar um basta nos supostos ultrajes praticados na Moradia.

Assim, durante algumas horas de reunião deste Conselho, onze anos de trabalho foram desconsiderados sem que se analisassem as acusações aos moradores e à sua representação.

Em alguns momentos, falou-se da dificuldade de tomar uma decisão em meio à tensão gerada no clima entre as "verdades" da administração e as "verdades" dos estudantes/moradores. No entanto, a maioria do Conselho preferiu acatar as "verdades" expostas pela administração, ao invés de conceder algum tempo para que os pontos de discussão fossem esclarecidos. Em nenhum momento o Conselho analisou o histórico da CGPM, suas falhas e seus méritos ao longo desses onze anos.

De antemão, a administração afirmou que a CGPM não serve para gerir a Moradia, e o Conselho referendou essa posição.

Problemas que consideramos seríssimos foram expostos, como a presença de assistentes sociais ocupando um cargo representativo na Coordenadoria deliberativa que, talvez, irá gerir a Moradia. Questão levantada, e isto é sintomático, por uma assistente social presente, conselheira do Consu — isto não foi debatido pelo plenário.

A nosso ver, a Deliberação contém pontos que requerem uma apreciação detalhada por parte deste plenário. A título de exemplo: o artigo primeiro, inciso quarto do documento, institui que "*excepcionalmente poderão ser alojados provisoriamente pessoas que venham desenvolver atividades específicas de curta duração na Unicamp.*" Isto não contradiria o espírito do Programa de Moradia que, como na própria deliberação, destina o espaço a alunos "*comprovadamente carentes*"? Este inciso incorre em outras complicações que apenas um debate profundo poderia contemplar.



Além disso, há de se notar que, dessa forma, a Deliberação transforma um espaço residencial num depósito de pessoas. Pois, a partir do momento em que um aluno deixa de ser morador para se tornar um Bolsista-Moradia – sendo que, a qualquer momento poderá chegar um estranho à sua porta para passar “um período curto” de tempo – lhe é negado o direito de estabelecer uma relação orgânica com o espaço. Nas férias, por exemplo, o estudante que possui a Bolsa-Moradia, terá que levar para sua cidade seus pertences pessoais, pois não saberá ele quem irá ficar, durante sua ausência, no seu antigo domicílio?

O que solicitamos aqui, desde antes do início desta reunião, não é que os presentes tomem uma posição contrária ou favorável a nós, mas sim que seja garantido um tempo para que o assunto possa ser melhor analisado.

Quantos de vocês conhecem a Moradia e seu cotidiano? Por que não vêm pessoalmente conhecê-la, já que ela está, e sempre esteve, aberta? A moradia estudantil, ao contrário de representar um problema, é um lugar de experimentação e de engrandecimento de todos os que passam por lá. Como nossas pesquisas, ela muitas vezes bate cabeça, anda, corre a 200 Km/h por pistas tortuosas sem derrapar, depara-se com um novo obstáculo, bate cabeça novamente e, como num ciclo, da mesma forma que nossas pesquisas, volta a andar. Nesse sentido, “medidas rápidas, eficazes e inadiáveis” podem incorrer em erros irreparáveis para este espaço, rico pela sua natureza.

O estado de emergência declarado nos últimos dias não corresponde à realidade. Reiteramos nosso convite. Pedimos a cada conselheiro dessa sala que visite a moradia e conheça sua realidade, conversando não apenas com os moradores do local, mas também com todos os servidores que por lá estão e que por lá passaram, e veja como os estudantes procuram soluções para seus problemas cotidianos na moradia. Por mais que esse convite possa parecer absurdo aos conselheiros, devido, talvez, à indisponibilidade de tempo de cada um, nós o consideramos válido e, inclusive, pensamos que a visita poderá ser muito agradável a todos. E ela não precisa ser anunciada.

A Moradia, como qualquer bairro ou comunidade, é constituída de pessoas como vocês, e, por isso, tem todos os elementos positivos e negativos que um bairro possui. O posicionamento tomado por cada conselheiro aqui não influencia apenas os aproximadamente mil estudantes que hoje vivem no local. Outros tantos, no futuro, sofrerão as conseqüências do que foi decidido em algumas horas de reunião deste conselho. É preciso deixar claro: o que se está decidindo aqui não é apenas uma medida administrativa. O cotidiano dos estudantes que vivem na Moradia Estudantil mudará drasticamente após as decisões aqui tomadas. Decisões profundamente influenciadas pela declaração de um estado de emergência que prejudicou profundamente a vida dos estudantes que lá vivem e o debate sobre a deliberação proposta.

O alarme de incêndio, quando toca, pode muitas vezes estar sendo testado ou apenas com defeito. Portanto é sempre importante pensarmos e averiguarmos o motivo pelo qual ele está tocando antes de decidirmos o que fazer, se pular do terceiro, do segundo ou do primeiro andar. Tal procedimento pode ser a linha de bifurcação entre nos atirmos do terceiro andar, ou simplesmente nos aliviarmos de um susto sem fundamento.

Enfim, pedimos, em nome da bancada discente, que se reinsira na pauta do próximo Conselho Universitário as propostas da administração, de maneira que tenhamos tempo para apresentar a todos vocês do que, de fato, se trata a Moradia Estudantil.

Pedimos que reflitam com sinceridade, e entendam o quão terrível é sofrer acusações sem sequer o direito de respondê-las. A comunidade, tanto a universitária quanto a não universitária, que não conhece a moradia, já não nos olha com imparcialidade.

Esta fala não é de caráter “politiqueiro”, mas sim um desabafo de pessoas, seres humanos, que se sentiram desrespeitadas durante o encaminhamento desse processo.

Obrigado pela atenção.

*Moradia Estudantil da Unicamp*